

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

REPRESENTAÇÕES DE MUNDO - INICIANDO UM TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO EM INTERFACE COM UMA GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA

Lucimara Vizzotto Reffatti
Boletim Gaúcho de Geografia, 25: 31-36, jun., 1999.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39726/26282>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jun, 1999

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

REPRESENTAÇÕES DE MUNDO – INICIANDO UM TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO EM INTERFACE COM UMA GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA

*Lucimara Vizzotto Reffatti **

O objetivo deste artigo é iniciar a delimitação de relações conceituais e operacionais entre representações de mundo (geografias pessoais) e atendimento psicopedagógico, tendo em vista uma prática que vai aos poucos se estruturando, relativa ao atendimento psicopedagógico de crianças e adolescentes com problemas de aprendizagem e integração psicossocial, utilizando as representações de mundo como instrumento para compreender o sujeito que as faz.

1. ECOLOGIAS SOCIAIS, REPRESENTAÇÕES DE MUNDO E O SUJEITO DA PSICOPEDAGOGIA

Começo com um olhar esclarecedor sobre os conceitos fundamentais desenvolvidos por Guattari (1991), autor que estende o conceito de ecologia de sua esfera tradicional para a totalidade da organização social, formulando a concepção de três ecologias entrelaçadas, que são a ecologia da rede de relações físico-naturais, a da rede de relações do trabalho, que transforma continuamente a natureza em natureza humanizada, e a da rede de idéias, que Guattari qualifica como uma rede de produção de subjetividade, em níveis que vão do global ao individual.

A indissociabilidade dessas três ecologias consiste no fato de que as redes de relações interferem cada uma na dinâmica das outras, numa produção cultural de valores subjetivos que demandam determinadas produções econômicas que, por sua vez, modificam os destinos do mundo físico-natural e este, dialeticamente, na condição de meio, retorna na forma de condicionamentos sobre os caracteres psicossociais de grupos e indivíduos que influenciam na sua produção.

Sendo que por “meio” deve-se entender tanto a ambiência das ecologias sociais, quanto o meio físico da natureza modificada pela sociedade e que, tal como um espelho, devolve à sociedade na visibilidade das paisagens por ela criadas o verdadeiro caráter de suas motivações psicossociais.

Em Guattari, a representação de mundo é um importante elemento da ecologia social, pois se trata do modo como os indivíduos – constituídos na rede social

de produção de valores – representam essa mesma ambiência em que se constituem, sendo que é a partir dessa representação, geralmente subconsciente, que eles interagem com essa mesma ambiência. Exercitar essa representação de mundo, isto é, torná-la mais elaborada, mais consciente, torna-se um modo, portanto, de qualificar a própria relação do sujeito da representação com o seu mundo.

Também pautada em Guattari, ou ainda em Morin (1982), que trabalha numa via semelhante, refiro-me à concepção de uma lógica da complexidade, que nos faz pensar não mais em termos de excludências entre enfoques distintos, mas em complementaridades imprescindíveis, entre diferentes áreas do conhecimento. Complementaridade que se torna sobremaneira necessária face à complexidade das interações entre a abordagem do psicossocial e a representação da ambiência.

Se estabelecemos que a psicopedagogia busca compreender a aprendizagem humana de uma maneira globalizada, então igualmente devemos estabelecer que pensar em qual seria o sujeito da psicopedagogia não é um fator relevante apenas para esta disciplina em particular, mas para todos aqueles que envolvidos pelas questões da aprendizagem buscam também perspectivas integradoras para os diferentes aspectos deste fazer.

Pensando em um sujeito multidimensional, pensamos nos transtornos de aprendizagem não mais situando-os apenas neste ou naquele lugar específico, mas em uma cultura de fenômenos que incluem e ultrapassam as dimensões individuais tradicionalmente consideradas, levando-nos em direção a uma abrangência cada vez maior, que não se limita à família: nos leva ao social.

Isso quer dizer que cada um de nós, com transtornos de aprendizagem ou não, é parte de um sistema que possui contornos bastante amplos. E é possível então mencionar a família, a escola e a comunidade e seus contornos interdependentes como facilitadores ou não dos processos do desenvolvimento humano.

Desconsiderar esses fatores e suas relações é ter um olhar cristalizado em relação ao processo recursivo que é a aprendizagem, a qual deve pautar-se em uma relação cooperativa na busca de soluções dentro dos marcos de uma ecologia social. Quando falamos em marcos de uma ecologia social, encontramos sustentação no dizer sócio-histórico-cultural de Vygotsky (1991), no qual a aprendizagem é uma consequência do diálogo do aluno com o seu mediador, observando que este diálogo é carregado de todas as influências do meio em que habita. O que nos remete a Freire (1996), para quem o verdadeiro poder transformador e libertador se encontra em estado potencial nesse conjunto de mediações, já que é dessa interação que surgem as novas maneiras de ver, pensar e agir no mundo. Vista através dos enfoques que podem ser balizados a partir desses apontamentos, a psicopedagogia torna-se um ponto de encontro multidisciplinar onde se busca o entendimento da aprendizagem humana de maneira multidimensional, uma questão para todos que buscam respostas integradoras a partir de suas temáticas específicas.

São estas as concepções que vêm servindo de base para os meus questionamentos e posso dizer que primeiramente encontrei em Mannoni (1987) uma ob-

servação decisiva: “A debilidade concebida como déficit capacitário isola o sujeito na sua deficiência”, pensando aí uma debilidade que se estende para além do déficit orgânico e pode constituir-se como uma debilidade de recursos *familiares e sociais* e que, no entanto, pode não ser percebida pelo próprio meio (que a nomina como debilidade) como uma deficiência que ultrapassa a dimensão apenas individual. Como diz Fernandez (1997): “Ao estudar crianças com dificuldades da mesma maneira que estudamos sapos – medindo, nominando, classificando, acabamos por matar o sujeito desejante do mesmo modo que matamos o sapo”, isto é, quando tomamos o sujeito como um objeto individual a ser dissecado sobre uma mesa e não como um sujeito *que só é o sujeito que ele é* na rede de relações em que ele se constitui, acabamos por apagar da compreensão do problema o contexto social que, afinal, permanece como a explicação de fundo para o problema individual.

É nesse interface que a elaboração de geografias pessoais, isto é, geografias fenomenológicas, corresponde a uma apropriação que o sujeito faz de seu mundo e simultaneamente a uma abertura do ser para o mundo, que, no caso de sintomáticas pessoais em estado de conflito se caracterizam via de regra pelo inverso, pela clausura do ser em si mesmo, pela não percepção da importância do mesmo na rede multiforme do mundo, conforme nos pauta Guattari (1993), a partir de seu trabalho em sua clínica, La Borde.

A perspectiva fenomenológica aqui referida não se prende a uma certa tradição fenomenológica empenhada em se circunscrever à descrição do fenômeno psíquico em estado puro, tal como ele se apresenta para a consciência num determinado momento – alheio ao contato de qualquer outra dimensão, mais social, mais objetiva – como se tal fosse mesmo possível, isto é, como se fosse mesmo possível falar da existência do fenômeno psíquico em estado puro, isolado da tecitura social e ambiental na qual esse fenômeno é gerado e com a qual ele interage. A perspectiva aqui referida é a de uma fenomenologia renovada, na acepção proposta por Guattari e comentada, por exemplo, por Alliez (1995), acepção na qual se parte e se retorna ao fenômeno psíquico, mas entre esse partir e retornar não se nega o percurso por outras dimensões que não a primordialmente subjetiva – afinal, existimos dentro de redes, dentro de ecologias, e ao se falar em subjetividade não se pode deixar de falar em intersubjetividade e produção cultural de subjetividades. Mas igualmente é preciso enfatizar a direção inversa e recíproca, na qual a análise da tecitura social e ambiental pode se reduzir a uma abordagem caricatamente cientificista e objetivamente, coisificante, na qual se perde de vista que o homem é um ser que se constitui numa rede de discursos, o que equivale dizer: numa rede desejante, formuladora a todo momento de juízos de valor e intencionalidades, uma rede indissociavelmente marcada por essa sua dimensão teleológica e, portanto, conforme define Rego (1996), para sempre movida pelas intencionalidades gestadas pelas subjetividades em interação dialógica com a ambiência intersubjetiva.

Desse modo, a dimensão fenomenológica aqui referida (em relação com a geografia) é pouco filiada, por exemplo, ao pensamento de Tuan (1980 e 1983),

que equaciona as relações do indivíduo com o mundo de modo excessivamente genérico, omitindo noções mediadoras como as de classe e lugar social. Ela é uma posição bem mais filiada a uma série de autores mais recentes, que trabalham a geografia de um modo que pode ser concebido como bastante próximo da perspectiva de cruzamentos metodológicos e disciplinares proposta por Guattari e Morin.

Nesse sentido, para um trabalho interdisciplinar entre psicopedagogia e geografia são especialmente importantes uma série de reflexões teóricas e propostas práticas referentes ao ensino de geografia e que datam principalmente de uns dez ou quinze anos para cá.

Entre essas, pode ser destacada uma das mais recentes, que é contribuição de Kaercher (1997), onde o autor exercita um diálogo entre a sua prática como professor de geografia e a filosofia educacional de Paulo Freire, sendo oportuno sempre recordar que, sobretudo na *Pedagogia do Oprimido*, Freire define o seu próprio trabalho como uma fenomenologia de caráter dialético, capaz de transitar da formação da subjetividade para a compreensão crítica do mundo, ou, como Kaercher destaca em relação a Freire, uma leitura crítica do mundo que pode ser feita tendo por ponto de partida (e de retorno) uma leitura crítica da palavra, isto é, uma leitura do discurso do sujeito, ou ainda: uma leitura da presença do mundo no discurso do sujeito. Nessa perspectiva, a geografia ao oferecer ao aluno nada menos do que o *mundo* como objeto de análise e compreensão, oferece, efetivamente, é a dimensão da exterioridade em relação dialética com a interioridade do sujeito. Ou, em outras palavras, numa perspectiva fenomenológica freiriana, o ensino de geografia pode ser o processo pelo qual o aluno compreenda o que está em torno de si (o mundo, em diversas escalas) como algo que também está dentro de si, internalizado, algo que o constitui como pessoa. Assim, enquanto busca compreender o que está em torno de si, esse mesmo sujeito pode ter sua atenção centrada sobre os modos como ele pensa e age em relação a este *em torno* que, afinal, está também dentro de si. O tema gerador pode ser, por exemplo, condições ambientais de uma periferia urbana. O que estará aí sendo discutido não é apenas o objeto aparentemente externo ao sujeito, mas simultaneamente o próprio sujeito – quais os caracteres do ambiente que ele prioriza como objetos de observação? – quais os que ele negligencia? – por quê? – quais as suas relações cotidianas com o ambiente observado? – que ações e novas posturas ele formula para si (e em discussão com os outros) ao tratar desse tema?

É bastante evidente a relação disso tudo com aquela já referida proposição de Guattari, que diz que a elaboração pessoal de novas concepções sobre aquilo que nos envolve pode ter um alcance pedagógico e terapêutico muito grande em relação a estados conflitivos pessoais, que se caracterizam pelo fechamento do ser sobre si mesmo, pela suspensão do diálogo com os que estão em torno.

É também importante destacar o trabalho de Rua (1993), que, através de uma série de propostas para atividades práticas em sala de aula, viabiliza um conjunto

bem amplo de possibilidades (que podem ser facilmente adaptadas para a clínica psicopedagógica) que articulam a percepção do mundo vivido com a compreensão do temário multiplamente variado que compõe a geografia.

A contribuição de João Rua não é um caso isolado, mas um notável exemplo de uma atitude que, tudo leva a crer, está se disseminando: basta observar as oficinas e os artigos veiculados em encontros e boletins de geografia.

2. UMA PROPOSTA DE TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM E INTEGRAÇÃO PSICOSSOCIAL

Somos sabedores de que dificilmente os sujeitos são estudados por uma ótica que privilegie as suas experiências. E, na busca de um espaço para trabalharmos estas questões, encontramos na Oficina Terapêutica Conviver o lugar ideal – por ser este lugar aberto às nuances das características globais do sujeito.

A clientela deste espaço é composta por crianças e adolescentes oriundos de famílias de baixa renda, moradores da periferia urbana (Porto Alegre) e que cursam diversas séries do ensino fundamental, em escolas da rede pública, estadual ou municipal. Essas crianças apresentam distúrbios de aprendizagem e integração psicossocial que manifestam, muitas vezes, como quadro de fundo relacionado às suas sintomáticas pessoais, uma rejeição profunda ao contexto psicossocial em que vivem. O trabalho terapêutico que nesses casos precisa ser desenvolvido é a transformação desse sentimento de rejeição (manifesto como apatia ou revolta) em sentimento de participação transformadora, relativa a esses quadros difíceis do contexto social.

Pretendemos trabalhar através da abordagem de desenhos, da escrita e de histórias infantis e infanto-juvenis que tenham por tema questões geográfico/sócio-ambientais, abordagens estas que iremos problematizando e, a partir dessas problematizações, solicitando a criação de desenhos, de escritos e de histórias alternativas para os problemas apresentados.

Observando atentamente as narrativas orais, escritas e gráficas e o quanto elas divergem ou assemelham-se poderemos pensar mais claramente sobre de que modo este sujeito está implicado com determinadas questões. Se tais narrativas são fatos ou ficções não é algo que nos ateremos no primeiro momento, pois o que pretendemos é saber como são estabelecidas as relações do sujeito com o mundo em que vive e como ele percebe o seu agir, coisas que ficam implícitas nos cenários em que cria e recria.

Esse é um trabalho, portanto, que se propõe cooperativo, e que tem como enfoque fundamental a *Reconstrução da Geografia Pessoal*, onde buscaremos através da abordagem dos fatores que envolvem o sujeito na sua totalidade – *cognição, afetividade e corporeidade* – abordar questões que o levem a questionar sobre a sua parte nas relações que o cercam, no seu posicionamento diante das dificulda-

des e em como poderá agir construtivamente para melhorar as questões acreditadas como deficitárias.

Objetivamos conduzir as crianças e os adolescentes a reconhecerem-se como sujeitos que aprendem, e então extrair uma nova definição de como podem se constituir os processos de integração social com um direcionamento para situações de carência.

Essas questões estão assim postas porque temos a finalidade de pensar sobre o significado que este sujeito atribui à rede de relações que o envolve, e somente então poderemos agir interventivamente.

Pretendemos avaliar os efeitos psicopedagógicos que esse tipo de elaboração e comunicação de suas percepções de mundo possa ter sobre as suas questões de aprendizagem e de integração psicossocial, envolvendo um conjunto de aspectos que interessam a uma ação multidisciplinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLIEZ, Eric. *A assinatura do mundo, o que é a filosofia de Deleuze e Guattari*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FERNANDEZ, Alicia. Palestra ministrada para um Grupo de Formação em Psicopedagogia (EPSIBA). Florianópolis, março de 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papiros, 1990.
- _____. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- MANNONI, Maud. *A criança, sua doença e os outros*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1982.
- KAERCHER, Nestor André. *Desafios e utopias no ensino da Geografia*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.
- REGO, Nelson. *A convergência das hermenêuticas num conceito de Educação como elaboração da singularidade*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, UFRGS – Faculdade de Educação, 1996.
- RUA, João e outros. *Para ensinar Geografia*. Rio de Janeiro: Access, 1993.
- TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1993.
- _____. *Topofilia, um estudo de percepção, atitudes e valores no meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

* Psicopedagoga, Membro da Oficina Terapêutica Conviver, Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, Bolsista FAPERGS.